

O SIGNIFICADO DOS SÍMBOLOS NA VIDA ESPIRITUAL

Por Swami Paratparananda¹

Editorial da revista em inglês *Vedanta Kesari* – abril 1964

Símbolos e insígnias estão em voga desde tempos imemoriais. Eles não se tornaram obsoletos com o avanço do tempo ou da ciência. Provavelmente hoje mais símbolos ou sinais são usados no mundo do que nunca antes - as nações têm suas bandeiras particulares, os militares têm suas insígnias, os fabricantes têm as suas marcas, os governos têm os seus selos, os partidos políticos têm os seus símbolos. Os sinais e símbolos, conectados com uma nação lembra sua peculiaridade, seu status no mundo, a sua contribuição para o bem-estar ou nas dificuldades do mundo. A marca registrada do fabricante é uma garantia da genuinidade dos produtos, se os produtos provaram a sua utilidade. Assim também qualquer outro emblema traz consigo a memória daquilo que representa tão vividamente como se toda a sua história nos tivesse sido apresentada em poucas palavras.

Outro tipo de sinal tem, tradicionalmente, sido reconhecido como representando um sentimento ou desejo específico - a bandeira branca em batalha indica rendição; um ramo de oliveira é considerado um símbolo de disposição da parte do portador para reconciliação; sinais vermelhos marcam perigo à frente e o verde apresenta um caminho limpo. Existem novamente alguns sinais distintos que a tripulação de uma aeronave deve compreender na sua abordagem a um aeroporto. Em suma, o simbolismo está entrelaçado na vida do homem antigo ou moderno, científico ou não científico.

A religião também adotou este método de simbolismo e é tão antigo quanto a própria religião. Por exemplo, temos no *Rig Veda*, que é reconhecido como o mais antigo registro escrito de revelações espirituais, o *Purusa Sukta* onde o Divino é concebido como uma pessoa com milhões de cabeças, miríades de olhos e pernas, permeando todo o universo e também transcendendo-o.² Os seres humanos estão na escala mais alta da evolução de acordo com qualquer estimativa, não excluindo a da ciência biológica. A maioria das pessoas, portanto, só pode compreender Deus como uma pessoa. A concepção do homem comum não pode ir além disso. Ele pode

¹ Swami Paratparananda foi o líder espiritual do Ramakrishna Ashrama, Buenos Aires, Argentina e do Ramakrishna Vedanta Ashrama, São Paulo, Brasil (1973-1988). Anteriormente, durante o período de 1962 a 1967 foi o editor da revista *The Vedanta Kesari* da Ordem Ramakrishna na Índia.

² Rig Veda, 10.7.90.1.

entender a Ele como uma Pessoa benevolente, beneficente, generosa, sempre pronta a ajudar Seus filhos. Esta é uma concepção antropomórfica, sem dúvida, mas é a mais próxima da Verdade. Mas aqui novamente os Vedas se destacam. A própria ideia é colocada de uma forma que significa mais do que aquilo que aparenta. Isso não significa que uma forma real como a de uma pessoa foi concebida pelos *Rishis*. O verdadeiro significado é que o Divino se manifesta em todos os seres deste universo e está além também. Isso fica claro nos próximos dois Rks. 'Este universo inteiro que vemos é apenas aquele Purusa (o Divino). Aquilo que já ocorreu, e aquilo que ainda está por vir também é apenas o Purusa. Ele é também o Senhor da imortalidade. Ele se manifesta na forma deste mundo para a experiência das *jivas*, mas por esse motivo esta não é Sua verdadeira essência. Tudo isto é apenas o Seu poder, o Purusa transcende tudo. Este universo e todos os seus seres são apenas um quarto Dele, a porção imutável restante repousa em Sua própria natureza, brilhante e auto iluminada.'³ Aqui, novamente, a proporção é apenas figurativa, apenas para mostrar que a extensão e extensão do Purusa é imensurável. Ele é infinito - isso é transmitido por esses hinos. Então embora a ideia pareça inicialmente antropomórfica, uma investigação mais profunda desmente esta teoria.

Pois esta metodologia simbólica foi usada tanto nos Yajñas ou sacrifícios e Upāsana ou meditação também. No Aswamedha Yajña, por exemplo, o corpo do cavalo sacrificial era considerado o corpo do Virāt Purusa, o Ser Cósmico. Cada parte dele representava simbolicamente algum aspecto do Ser Cósmico - o amanhecer foi representado pela cabeça do cavalo, o sol pelos seus olhos, o ar pela sua força vital, o fogo pela boca aberta, e assim por diante. Então, mesmo enquanto o sacrifício estava sendo conduzido, o objetivo era imprimir o pensamento constante no Divino. O homem vive geralmente no plano mundano; muito grosseiros são seus prazeres. Então os Vedas disseram que ele pode ter algo melhor e prazeres melhores e mais duradouros se ele acumulasse nos outros mundos. Ele iria para o céu e viveria feliz por muito tempo se fizesse certos sacrifícios. Disseram até que ele se tornaria imortal, no sentido de que a duração da vida lá era infinita em comparação com sua duração mortal. Entre os sacrifícios, o Aśwamedha foi declarado para dar o fruto mais elevado - alcançar o céu mais elevado, o Brahmaloaka. Mas isso implicava pesadas despesas e coleta de ingredientes raros que só eram possíveis para reis e imperadores. Por outro lado, havia alguns sacrifícios obrigatórios a serem feitos por um Brahmana. A vida do Brahmana era uma vida de abstinência e sacrifício. Tinha que realizar todos os meses dois sacrifícios conhecidos como Darsapurnamāsa, por um longo período de trinta anos, a partir do dia que ele acende o fogo ou, em alguns casos, para o resto da sua vida. Cada sacrifício demorava dois dias; e nesses dias ele tinha que se abster de carne

³ Ibid., 10.7.90.2&3.

e outros prazeres carnis. Além disso ele tinha que realizar o sacrifício de Agnihotra, duas vezes diariamente, uma vez imediatamente após o pôr do sol e novamente pouco antes do nascer do sol, durante toda sua vida. Houve outros sacrifícios que um buscador do céu teria que fazer. Os sacrifícios, cuja realização exigia a observância de grande austeridade e autocontrole, ajudava a limpar a mente dos sacrificadores. A mente purificada, por sua vez, refletia as verdades da religião claramente. Portanto, embora o sacrificador possa ter começado com o mais mundano dos motivos, ele logo os superaria e desejaria saber sobre a Verdade Eterna. Este era o propósito do *karma kanda* dos Vedas – sublimar o homem, conduzindo-o gradualmente do grosseiro ao sutil.

II

No que diz respeito ao Upãšana, procede-se de símbolos sutis para símbolos mais sutis. Certa vez, Narada se aproximou de Sanatkumara, um dos primeiros quatro contemplativos e filho-mental de Brahma, e pediu para ser ensinado.

Sanatkumara queria saber o que Narada já sabia. Narada respondeu: ‘Eu estudei os Vedas, os puranas, os itihásas’ e assim por diante. Em resumo, todas as ciências então existentes eram conhecidas por ele. Mas ele acrescentou ‘Eu conheço apenas os mantras (as palavras e seus significados), mas não conheço sobre o Ātman. Ouvi de pessoas como você que um conhecedor do Ātman supera a dor. Caro senhor, ainda estou sob a influência da dor e prazer. Por favor, leve-me através deste oceano de sofrimento.’⁴ Saber o significado dos textos das escrituras não é o conhecimento do Ātman. Isto não torna ninguém perfeito, não liberta ninguém dos pares de opostos. Narada sentiu isso profundamente, apesar de todo o seu conhecimento dos diferentes Sastras [Escrituras Sagradas].

‘Isso (que você sabe) é apenas nome. Medite nisso como Brahman,’⁵ diz Sanatkumara. Meditando sobre isso pode-se alcançar o que quer que receba um nome. ‘Existe algo superior ao nome?’ perguntou Narada. ‘Definitivamente há. A fala é maior que o nome. Através da fala apenas você entende tudo. Medite sobre a fala’, respondeu o preceptor. Narada perguntou novamente se havia algo maior que a fala. O preceptor aos poucos instruiu que a mente era maior que a fala; que a vontade era maior que a mente; que *chitta* era maior que a vontade; que meditação era maior que *chitta*; que o conhecimento era maior que a meditação, e assim por diante até chegar ao *Prāna*. Narada que sempre questionava se havia algo maior do que o que o mestre estava descrevendo, falhou ao não perguntar se havia algo maior que *Prāna*. Pois ele pensou que *Prāna* representado por Hiranyagarbha era a realidade final. Embora o

⁴ Chandogya Up. 7.1.3.

⁵ Ibid., 7.1.4.

discípulo não tenha perguntado, o preceptor sabendo de seu valor, de seu próprio acordo instruiu a Narada a não ficar satisfeito com o conhecimento do *Prãna*, pois havia algo superior ao *Prãna* que deveria ser conhecido. Não se vai além das disputas (tornando-se *ativãdi*) conhecendo o *Prãna*. Um deve buscar a Verdade para se tornar um verdadeiro *ativãdi*.

Narada busca refúgio novamente com o preceptor e deseja ser iluminado. 'Aquilo que é vasto, isso é felicidade. Não há felicidade nessas pequenas coisas. Só no Grande há felicidade. Esse vasto deve ser conhecido.'⁶ E o que é esse vasto? 'Quando não se vê mais nada, não se ouve nada mais, não se conhece nenhum outro, esse é o Grande.'⁷ Quando se vai além da dualidade conhece-se o Grande, Brahman.

Neste episódio, mencionado no Upanisad, vemos como gradualmente foi pedido a Narada que buscasse verdades cada vez mais elevadas. Embora o Nome (os *Shastras*) não era em si Brahman, ele foi convidado a meditar sobre isso como Brahman, depois na fala e assim por diante. Estes foram projetados como símbolos de Brahman, e tal meditação tinha seus próprios resultados, muito superiores aos das coisas mundanas. Mas eles não foram definitivos. A meta final estava para ser alcançada somente em Brahman. Por que o preceptor não esclareceu imediatamente o discípulo? A verdade é evasiva, quase impossível de entender e há o perigo de mal-entendidos quando ensinado a mentes imaturas.

III

Um exemplo brilhante de quão difícil de assimilação são as verdades sutis, é encontrado na instrução de Prajapati para Indra e Virochana no *Chãndogya Upanisad*. A história é assim: Certa vez, Prajapati, o Senhor do Universo, anunciou que quem conhece o *Ātman*, que é intocado pelas manchas, sem idade, imortal, livre de sofrimento, desprovido de fome e sede, cujos desejos são verdadeiros, cujos desejos são fatos, atinge todos os mundos e obtém todos os seus desejos. Esta declaração levou os deuses e demônios, que ansiavam naturalmente por prazeres, posses e soberania dos mundos, para delegar seus reis Indra e Virochana para aprender esse conhecimento com Prajapati. Era tradição naquela época ir até um mestre com toda humildade e servi-lo. O preceptor então, pensou se eles estariam com ele há tempo suficiente para entender o conhecimento que ele iria transmitir, perguntou-lhes com que intenção eles estavam morando com ele. Prajapati também seguia a regra. Ele permitiu-lhes servi-lo e ficar com ele por trinta e dois anos, e no final desse período ele perguntou o que eles queriam saber. Eles expressaram seu desejo de saber sobre o

⁶ Ibid., 7.23.1.

⁷ Ibid., 7.24.1.

Ātman. Prajapati disse: 'Aquele Purusa que é visto no olho, este é o Ātman; é imortal; é destemido; este é Brahman.'⁸ O propósito da instrução de Prajapati era fazê-los entender que, o Ātman visto pelos Yogis de sentidos controlados e desejos aniquilados, é Brahman. Mas os discípulos, por causa sua falta de penetração mental, entenderam o Ātman como o reflexo visto no olho. A expressão simbólica foi esquecida e o significado literal foi aceito.

Os discípulos, para ter certeza de que o que eles entendiam como Ātman estava correto - perguntaram se era o mesmo Ātman que se reflete na água e no espelho. Prajapati, para não os envergonhar dizendo que eles estavam completamente errados, disse que era assim e aquele era 'visto em tudo isso'. O Ātman sendo o mais íntimo de todos os seres e mais próximo da mente poderia ser visto dentro de tudo. Mas novamente os discípulos não entenderam o que ele queria dizer e entenderam também literalmente. Prajapati novamente tentou convencê-los de que estavam errados, pedindo-lhes que vissem primeiro o seu reflexo na água, como estavam - com barba e cabelo despenteados e vestidos com vestes ascéticas - e então depois de terem se barbeado e se adornado. No entanto, até então eles estavam tão convencidos de sua compreensão do assunto que não tomaram qualquer nota particular da instrução. Eles assumiram que sua forma externa era o Ātman e se foram.

Virochana não teve a menor dúvida quanto à clareza e veracidade de sua compreensão. Então ele se foi e proclamou aos seus súditos que o corpo era o Ātman e que deveria ser bem alimentado e cuidado. Indra, por outro lado, depois de se afastar um pouco, refletiu sobre as duas imagens que ele tinha visto. Ele pensou: 'Se este corpo é Ātman, então também está sujeito às mudanças - quando o corpo está bem adornado, Ātman fica adornado, quando está bem vestido o Ātman fica bem vestido, quando limpo parece limpo, da mesma forma quando o corpo fica cego, o Ātman também fica cego, quando a perna fica paralisada, o Ātman também fica coxo, e assim também com a morte do corpo, o Ātman também morre. Então onde está o resultado prometido por Prajapati?' Assim cogitando Indra retorna. Prajapati pergunta: 'Você partiu muito satisfeito junto com Virochana. O que o traz aqui agora?' Indra responde: 'Senhor, você não quis dizer que este reflexo era o Ātman quando disse, o que é visto no olho é o Ātman.' 'Não, certamente não,' respondeu Prajapati, 'viva mais trinta e dois anos comigo e eu lhe ensinarei.' Indra fez isso, e Prajapati falou novamente com ele: 'Aquele que você vê desfrutando de muitas coisas no sonho, aquele é o Ātman.' Indra ficou satisfeito e partiu para sua morada. Mas ele refletiu: 'Embora este Ātman não seja afetado pelas modificações ou mutilações do corpo, mas às vezes também é como se ficasse triste, como se chorasse. Então este também não pode ser o Ātman que o Senhor explicou.'

⁸ Ibid., 8.7.4

Uma segunda vez ele retorna e pede para ser iluminado. Prajapati pede que ele viva com ele novamente por mais trinta e dois anos, e ao final do período Ele diz, 'aquilo que você vê no sono profundo, quando não há sonhos, é o Ātman.' Indra partiu encantado por ter sabido o que ele considerou o segredo sobre o Ātman. Mas novamente a dúvida o assaltou. E ele voltou e disse: 'Senhor, no estado que você descreveu agora para mim, eu não vejo nada que diga "Isto sou eu" nem vejo estas criaturas. Está quase escuro, tudo parece destruído ali. Nisto não vejo nenhum dos seus frutos prometidos.'⁹ 'Sim, é como você diz; resida mais cinco anos comigo e então eu te ensinarei', exortou Prajapati.

No final do período, Prajapati disse: 'É verdade que o que você percebeu com seus olhos e outros sentidos, como também com a mente, se evapora no vazio no sono profundo. Você não deveria se arrepender por isso. Pois este corpo (os sentidos e a mente) é dominado pela morte. Está sujeito à destruição, mas é a morada do Ātman, que é incorpóreo e imortal. Enquanto o Ser estiver corporificado e se identificar com o corpo, haverá dor e prazer. É inevitável. Dor e prazer não tocam apenas aquele que transcender a ideia de corpo.'¹⁰ Um vislumbre do qual se sente em sono profundo. Vimos agora como o mesmo conselho foi interpretado de forma diferente por pessoas diferentes, devido à falta de perspicácia para compreender e ausência da pureza de espírito necessária ao refletir. É por isso que um caminho passo a passo e símbolos adequados são uma necessidade no início e na maioria dos casos, por muito tempo.

IV

Raja Yoga é outro método de abordagem ao Divino. Para alcançar *samādhi* pelo controle do sopro vital, *prāna* é o caminho nele prescrito. Patanjali em seus Yoga Sutras diz em um lugar que o *samādhi* pode ser alcançado também 'por devoção a Ísvara'.¹¹ Depois dá uma ideia a respeito de Ísvara. Mas a ideia a ser lembrada deve ser condensada ou nomeada. Então ele postula: 'Seu símbolo é Om.'¹² Swami Vivekananda explicando este sutra diz: 'Cada ideia que você tem na mente tem uma contraparte em uma palavra; a palavra e o pensamento são inseparáveis. A parte interna de algo e a própria coisa é o que chamamos de pensamento. Nenhum homem pode, por análise, separar o pensamento da palavra.' Os sons podem variar de acordo com os idiomas, mas a relação entre os sons e o pensamento é natural. Além disso Swamiji afirma: "O símbolo é o manifestante da coisa significada, e se a coisa significada já existe, e se, por experiência, sabemos que o símbolo expressou isso

⁹ Ibid., 8.11.2.

¹⁰ Ibid., 8.12.1

¹¹ Yoga Sutras, 1.23.

¹² Ibid., 1.27.

muitas vezes, então temos certeza de que existe uma relação real entre eles. Mesmo que as coisas não estejam presentes, haverá milhares que os conhecerão pelos seus símbolos.' Milhões de aspirantes verificaram a eficácia desta palavra 'Om'. Nos Upanishads diz-se que este Om representa o Universo, passado, presente e futuro e até mesmo aquilo que está além dos três tempos, além do universo.¹³

Patanjali nos assegura que a repetição deste *mantra* junto com a meditação sobre o seu significado¹⁴ leva ao fim desejado, o *samādhi*. Como é que esta repetição de um *mantra* purifica a mente? Uma mente científica irá naturalmente colocar esta questão. Temos que lembrar aqui que o homem nasce com uma carga de *samskāras*, tendências inatas. O que fez estas tendências, ou como essas inclinações são criadas? Elas são criadas por nós. O que quer que nós pensarmos, falarmos ou fizermos, quisermos e sentirmos, perturbam a substância mental. Swamiji comparou essa substância mental a um lago. Quando jogamos pedras na água do um lago ele se perturba. As ondulações são vistas se espalhando por toda parte. As pedras ou seixos vão se depositando no fundo. Da mesma forma, os pensamentos que pensamos e ações que fazemos têm um efeito imediato de perturbar a tranquilidade da mente e tem um efeito posterior e mais duradouro como uma impressão depositada nos recessos da mente na forma de uma tendência - tendendo a surgir novamente quando a oportunidade adequada se apresenta. Nas palavras de Swami Vivekananda, elas deixam um sulco, por assim dizer, no cérebro e depois de um tempo em que as ações são repetidas o homem é obrigado a avançar nesta linha. Qualquer tentativa de desviar-se deste caminho trilhado é vigorosamente resistida pela mente. Estes são chamados *samskāras*. Como então podemos superar esses *samskāras*? Sri Ramakrishna costumava dizer que um espinho que picou você deve ser extraído com a ajuda de outro espinho. Os *samskāras* maus serão eliminados por boas ações e bons pensamentos. Pela repetição de um *mantra* e meditação em seu significado, a mente fica impedida de voltar aos seus velhos hábitos. *Samskāras* novos são formados por esta meditação constante, que subjuga os maus [*samskāras*], se a prática tiver sido longa e intensa. A mente livre da escória inclina-se naturalmente para a tranquilidade.

O caminho do Raja Yoga, sem dúvida, é através do controle psíquico. Ele prescreve o controle do *prāna*,¹⁵ força vital, — que Swamiji chama de energia do universo - como um meio de purificar a substância mental. Isso é realizado pela regulação da respiração como primeiro meio. O Yoga *sāstra* dá instruções detalhadas sobre quanto tempo se deve inspirar, quanto tempo para segurá-la [a respiração] e quanto tempo se deve levar para expulsá-la [expiração]. Swami Vivekananda sugere que se deveria, em vez de simplesmente contar números para medir o tempo, repetir

¹³ Mandukya Upanishad, 1.

¹⁴ Yoga Sutras, 1.28.

¹⁵ Ibid., 1.34.

um nome sagrado, que é o símbolo do Divindade, ao fazê-lo, para que a mente possa permanecer o tempo todo no pensamento do Divino.

Se esta ideia parecer muito abstrata para o aspirante, Patanjali sugere alternativas. Ele diz: 'Concentração em uma Luz Refulgente que está além do sofrimento; ou no coração que abandonou todos os apegos dos objetos dos sentidos, ou em algo que seja bom e atraia a pessoa,'¹⁶ que também é útil.

V

Com o passar do tempo, o homem tornou-se cada vez mais extrovertido, quando não conseguia mais cumprir os deveres que lhe eram impostos devido a vários motivos, quando os sacrifícios ritualísticos se tornaram cegas observâncias e sem profundidade, os mestres hindus desenvolveram esta ideia da simbólica representação da Divindade para que pudesse ser facilmente compreendida mesmo pelo homem comum. Imagens e *sālagramas*, templos e santuários para os abrigassem surgiram. As imagens não eram visualizadas em nenhum momento, mesmo pelo hindu mais ignorante, como mera pedra ou madeira. Para eles eram os lembretes do Divino Consciente, símbolos da Divindade. É fácil criticar e condenar a adoração da imagem pelos hindus como idolatria, mas por que alguém que condena tal adoração não olha para seu próprio credo?

Cada seita, cada religião adora um símbolo. Mas cada um pensa que seu próprio símbolo é verdadeiro, uma representação correta da Divindade e que todos os outros estão errados. Esta é uma visão pervertida das coisas e uma forma mais abjeta de amor próprio. Podem ter ocorrido alguns abusos em tal adoração. Mas abusos de todos os pensamentos e práticas sublimes são vistos em toda seita e em toda religião. Isso não é motivo para condenar a prática em si.

É preciso escolher o bem e deixar de fora o mal. Se isto tiver feito um pouco de dano em algum momento devido às mãos malignas em que a prática caiu, também fez um bem infinito. Além disso, enquanto o homem for homem, mais inclinado para a carne do que para a alma, ele requer toda a parafernália exterior também para imprimir em sua consciência a existência de um Ser Supremo que ele não deve esquecer. É infrutífero falar contra símbolos. Eles contribuíram enormemente para a cultura religiosa e elevação espiritual do homem e continuará a fazê-lo no futuro. As massas os requerem e mesmo a maioria das classes intelectualizadas não consegue dispensá-los sem receio quanto às consequências. **A única coisa contra a qual devemos nos precaver é que esta adoração não assuma uma forma dogmática para impor o seu símbolo ou imagem aos outros.**

¹⁶ Ibid., 1.36 to 39.

Concluiremos com a exortação de Sri Ramakrishna a respeito da adoração de imagens: 'Mas por que [chamas de imagem de] barro? É uma imagem de espírito. Mesmo que a imagem seja feita de barro, há necessidade desse tipo de adoração. Aquele que é o Senhor do Universo arranhou todas essas formas para se adequarem aos diferentes homens em diferentes estágios de conhecimento.' O que é dito das imagens também é verdade para os símbolos.

